

A LEITURA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Maria Teresa Gonçalves PEREIRA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

mtgpereira@yahoo.com.br

Resumo: Na EJA, a Literatura Brasileira aproxima os alunos da sua terra, da sua gente. A apropriação de textos em poesia e em prosa permite a inclusão na sociedade via palavra estética. De textos do cotidiano passam a outros que vislumbrem situações e percepções novas numa imersão que promova autoestima, por meio de ações transformadoras, em experiências que expõem linguagens e estilos peculiares, revelando o Brasil na diversidade. A mediação adequada do professor requer, além de ser leitor, conteúdo e metodologia compatíveis com uma clientela que demanda condições especiais para uma aprendizagem bem sucedida. É necessário perceber que os textos literários não respondem, mas interrogam, cuja “pretensa” obscuridade desafia o sentido. Despertar para as leituras polissêmicas. Entender as múltiplas possibilidades da palavra literária. Sentir a liberdade do pensamento a que conduza literatura ao tratar de tudo o que diz respeito ao gênero humano. E, depois, aprender a dialogar com outros textos, contemporâneos ou passados, conterrâneos ou estrangeiros. Constitui-se grande desafio abordar o texto literário na EJA. Os resultados compensam se constatar o enriquecimento para o aluno e a percepção do seu alcance na vida, principalmente no aspecto pessoal, com a real consciência de cidadania plena, sem exclusão.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Ensino; Leitura; Literatura

1 - Introdução

Para o trabalho em questão, fez-se um recorte da pesquisa *Ler, refletir, expressar: uma proposta de ensino para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)* (UERJ/FAPERJ/PROCIÊNCIA) que visa à elaboração de um programa de Língua Portuguesa para a EJA, baseado no tripé Gramática, Leitura e Produção Textual. A pesquisa de campo ocorre no Curso Noturno do Colégio Santo Inácio, em Botafogo, no Rio de Janeiro.

No início, pensávamos num Projeto centrado em Leitura. Com a regularidade às aulas do Santo Inácio, percebemos, porém, que era o conjunto das atividades em Língua Portuguesa que nos proporcionaria um trabalho de pesquisa mais abrangente, mas não menos consistente e útil. Não poderíamos excluir a Leitura do contexto linguístico, considerando-a mero apêndice, nem a Produção Textual, outra ponta do processo. O ensino da Gramática, por sua vez, deve voltar-se para dois eixos: o uso da língua oral e da escrita, e da reflexão sobre a língua e a linguagem para, desse modo, ampliar a competência discursiva do aluno.

No contexto da Leitura, ocupa a literatura papel fundamental. Assim, focalizaremos o texto literário e suas demandas genericamente e na EJA.

2 – Considerações gerais sobre a EJA

O artigo 24 da LDB/71, o primeiro a conter alguma referência oficial à situação do ensino para jovens e adultos, inclui “suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria”. Esse artigo instituiu o ensino supletivo, de caráter compensatório. A educação estava organizada como uma linha de produção. Sujeitos com papéis definidos, separados uns dos outros e das unidades escolares.

Na Constituição Brasileira, promulgada em 1988, encontramos o reconhecimento do direito à educação para todos. Na LDB (9394/96), a EJA é admitida como dever do Estado, mas pouco se fez, com muitas lacunas e contradições na legislação.

Houve o Programa de Alfabetização Solidária (PAS), com trabalho voluntário nas escolas, campanhas (“Adote um Analfabeto”, por exemplo) e iniciativas isoladas, muito longe do necessário, como infelizmente é comum em questões ligadas à Educação.

Ao espaço nem sempre ocupado pelo poder público, em relação à EJA, crescem as participações de sindicatos, ONGs, igrejas e associações de bairro. Em diversos casos, essas organizações transferem suas experiências para os sistemas públicos e/ou particulares (quase sempre religiosos de ensino, na cidade ou no campo).

Nos últimos anos aconteceram vários eventos em torno do EJA: seminários, fóruns estaduais e nacionais, instalação de centros de pesquisa nas universidades, publicações em revistas, livros, dissertações, teses e teleconferências. Tal conjunto de ações contribuiu para o pensamento e regulamentação do direito à educação das pessoas jovens e adultas. Uma prática inclusiva das dimensões humanas desses segmentos subentende as relações de gênero, raça e geração. Trabalhar com tais dimensões no cotidiano escolar, observando como os sujeitos se anunciam para podermos elaborar práticas, é um grande, mas instigante desafio.

No Brasil há uma maioria mestiça e negra, homens e mulheres, jovens e adultos, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães, moradores urbanos e rurais, de periferia, favelas ou não, ou considerados sujeitos marginais à sociedade, aqueles (quase) sempre excluídos, por isso tratados como “pobres coitados”, precisando de doações ou ajuda, sujeitos menores e fracos para o mundo moderno. A compreensão do lugar dos sujeitos é uma construção social a ser contestada para que se construam outros significados. Focalizamos sujeitos que vivenciam uma variedade de situações concretas formadoras de subjetividades, definidas, no sentido genérico, como o que se reporta ao sujeito humano, por contraste às condições externas de existência que precedem a entrada do sujeito no mundo, já que se ligará aos fluxos sociais, materiais e aos signos que o circundam, o atravessam e o constituem. Esse sujeito age sobre o presente e o real, se diferencia e se reconhece nas singularidades de sua própria existência.

Na escola encontramos os/as alunos/as das experiências da EJA cuja vida é ponto de partida para se pensar tempo, espaço, afirmação, avaliação e, principalmente, o diálogo com o conhecimento construído. As experiências de vidas desses/as alunos/as produzem saberes que devem ser apropriados pelos/as próprios/as alunos/as e pelas escolas, assim como pelos/as professores/as. São sujeitos que se constituem por manifestações culturais, estéticas e corporais – marcas de preferências musicais, de moda, religiosidades, sexualidades, paternidade e/ou maternidade em jovens e adultos.

Pensar uma escola que considere esses marcadores, admitindo tamanha diversificação, revela-se tarefa hercúlea. Primeiramente é preciso tratá-los como são, como se apresentam, conhecê-los, amadurecer o diálogo, escutá-los, deixá-los expressar não só a voz, mas o corpo, a mente, em diferentes linguagens, os tempos e os espaços que trazem para a escola, produzindo da diversidade matéria-prima para a organização das relações pedagógicas.

O Parecer CEB/CNE / 2000 (Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação) explicita para a EJA três funções: a reparadora (que desenvolve a escolarização não conseguida quando criança); a equalizadora (que cuida de pensar politicamente a necessidade de oferta maior para o que é mais desigual do ponto de vista da escolarização); a

qualificadora (entendida como o verdadeiro sentido da EJA, por possibilitar o aprender por toda a vida, em processos de educação continuada).

Educar jovens e adultos não se restringe a tratar de conteúdos intelectuais, mas implica lidar com valores, com formas de respeitar e reconhecer os diferentes e os iguais.

3 - A EJA no Santo Inácio

Conhecido pelo seu alto padrão de ensino, o colégio jesuíta é frequentado no Curso Diurno pela chamada classe média (alta).

A Educação de Jovens e Adultos no Santo Inácio se iniciou em 1968, materializando uma vertente da Associação Nóbrega de Educação e Assistência Social.

O Curso Noturno atende a operários da construção civil, comerciários, porteiros, empregados domésticos, cabeleireiros/as, manicures, donas de casa, trabalhadores de modo geral.

Estrutura-se em Classe de Alfabetização, 1ª à 4ª série (antigo primário), Ensino Fundamental e Ensino Médio, em períodos de um semestre (quatro meses). No Ensino Médio, a duração é a regular: um ano para cada série. No Curso Noturno cada série se chama fase.

Uma questão decisiva é o currículo na Educação de Jovens e Adultos quanto ao entendimento a respeito de quem são as pessoas a que ela se destina. Na perspectiva dominante, Educação de Jovens e Adultos é aquela que se volta para atividades educativas compensatórias, ou seja, para a escolarização de pessoas que não tiveram a oportunidade de acesso à escolarização regular prevista na legislação. Assim, a organização de um currículo adequado às necessidades, aos interesses e aos anseios da clientela se impõe.

Para Inês Barbosa de Oliveira (2004), a ideia da tessitura do conhecimento em rede pressupõe que as informações às quais se submetem os sujeitos sociais só passam a constituir conhecimento quando se enredam a outros fios já existentes nas respectivas redes de saberes particulares, ganhando, no processo, um sentido próprio, não forçosamente aquele que o transmissor da informação pressupõe. Assim, dizer algo a alguém não provoca aprendizagem nem conhecimento, se o que se diz não entrar em conexão com interesses, crenças, necessidades, valores ou saberes de quem escuta. Os processos de aprendizagem vividos, formais ou quotidianos, envolvem a possibilidade de atribuição de significados, por parte daqueles que aprendem, às informações recebidas do exterior – da escola, da televisão, dos amigos, da família, etc.

Para Jane Paiva (2004), a perspectiva político-cultural dos anos 1960 (conduzida pela experiência de Paulo Freire que tanto nos auxilia) não se pode afastar de qualquer projeto que se volte para a EJA, reforçando a necessidade de o educador saber que há um papel fortemente marcado, o de dar instrumentos aos jovens e adultos para participarem da rede de comunicação da sociedade por meio da leitura e da escrita, em que cada um diga a sua palavra e seja autor do seu texto.

António Nóvoa (1995, 36) ressalta uma questão central na discussão sobre a “formação” do professor, oportuna em relação à EJA. Recomenda que “os professores se apropriem dos saberes de que são portadores e os trabalhem do ponto de vista teórico e conceptual”. Do mesmo modo que a prática se enriquece com a produção teórica e metodológica que a informa, as práticas, em sua riqueza e diversidade, também produzem teorias e metodologias em constante movimento.

Merece cuidado a linguagem utilizada pelos professores, responsável pela possível infantilização de pessoas que, se não puderam frequentar a escola antes, tiveram e continuam tendo uma vida rica em aprendizagens dos mais diferentes níveis.

4 – A Leitura e a Literatura no Santo Inácio

A leitura no país, apesar dos vários movimentos de incentivo, é relegada a plano secundário. Pesquisas, relatórios, depoimentos, instituições provam que há ainda um longo caminho pela frente. Não me deterei nas causas ou em providências cabíveis ou possíveis. O problema se origina da falta de condições, recursos, etc alocados para a educação e para a cultura no país. Ocupo-me tão somente do microcosmo da EJA.

Se é notório que numa família de condições financeiras razoáveis, os recursos para a compra de livros (não didáticos) são irrisórios ou nulos, presume-se a situação dos alunos na EJA.

O preconceito e/ou a ignorância levam os indivíduos a pensarem que os menos favorecidos não gostam de ler ou não querem ler. Gostam e querem, apenas isso se torna mais difícil em virtude do elevado preço dos livros, seus (poucos) recursos indo para atividades básicas de sobrevivência.

O acervo da biblioteca do Santo Inácio é variado e atualizado. Muitos a frequentam: voluntariamente ou por solicitação do professor para atividades em sala de aula. Realizamos, dentre outras, uma experiência bem sucedida com *O apólogo*, de Machado de Assis. A linguagem foi motivo particular de atenção. Fragmentos de clássicos brasileiros são trabalhados em sala de aula pelos professores. Acreditamos, no entanto, que títulos não canônicos também devem fazer parte das sugestões de leitura.

Como votante de prêmio literário, recebemos uma produção alentada para avaliação. Há várias coletâneas para jovens e adultos excelentes, cujas histórias prendem a atenção, tratando de temas atuais, em linguagem coloquial e envolvente, além de livros de poesia, adaptações, quadrinhos, romances, etc. Sempre que vamos ao Santo Inácio, levamos livros para sortear. Não há obrigatoriedade de retorno da leitura. Em aulas posteriores, se quiserem, alguns pedem para falar breves palavras para a turma sobre o que leram. Muitos trocam os livros com os colegas, incentivando a multiplicação. Os mais tímidos nos dão retornospessoais. Ao final do semestre, cada aluno recebe pelo menos dois livros.

Em determinada ocasião, um dos alunos mais calados manifestou-se espontaneamente. A história de seu livro tratava de um porteiro (como ele) chamado Raimundo (como ele) que tinha um problema sério com uma das moradoras (como ele). Acatou a solução mostrada no livro, resolvendo, assim, a pendência no seu cotidiano. Ao prestar seu depoimento, mostrou-se até eloquente.

Coincidências existem, mas aquela foi oportuna para os alunos perceberem os resultados práticos (e não só os efeitos estéticos) da leitura. Ao nos reconhecermos no que lemos. Ao aproveitarmos as experiências no dia a dia. Ao nos enriquecermos culturalmente. Ao (re)criarmos a realidade.

O episódio serviu para mostrar que esses textos são também atraentes e reverberam no leitor. Os chamados “clássicos” devem, entretanto, constar sempre das leituras, mas requerem mediação atenta do professor para alcançarem os resultados desejados.

Falar sobre o que leram, sobre suas próprias histórias de leituras, complementados por outras opiniões, questionados, gera um debate saudável, dinâmico e, principalmente, real. Mesmo o professor conduzindo, enriquecendo, os alunos permanecem o centro das atividades, suas opiniões (suas inúmeras experiências) levadas em conta e consideradas, nunca minimizadas ou tratadas **com condescendência**.

Explora-se bem a linguagem, atraindo olhares cuidadosos (e curiosos) para que prestem atenção nas formas de dizer dos outros e as tragam para a própria escrita, incorporando-as. É um processo lento, mas com resultados compensadores, se houver preocupação sistemática e contínua. Se a percepção for um diferencial implícito nas atividades.

Vygotsky (1978) considera a linguagem (oral e escrita) uma das ferramentas culturais mais poderosas. Hicks (1996) sinaliza que o movimento do plano exterior para o interior

implica um processo ativo de transformações e não uma cópia mecânica da experiência, como parte do processo de construção do pensamento ou fala interna. Ao mesmo tempo que o ator social internaliza o discurso social, o reorienta em direção às suas próprias experiências e propósitos. Para Bakhtin (1981), o processo de aprendizagem implica a apropriação de discursos, ou seja, o processo de converter as palavras alheias em próprias.

A preocupação com a linguagem escrita estende-se a outra questão bem complexa: a falta de cuidado ao se escolher o fragmento na obra completa. Há necessidade de critério e atenção para não se perder a unidade semântica e/ou estrutural. Caso se fragmentem inadequadamente os textos autorais, de tal forma que as características do gênero e da tipologia textual sejam desrespeitadas, sonogando ao aluno o conhecimento e a experiência dos mecanismos linguísticos que fazem do texto um todo organizado, ele se priva do contato direto com elementos constitutivos – e fundamentais – da textualidade e da linguagem escrita.

Para um Programa de Língua Portuguesa para a EJA, além dos autores mais conhecidos, sugiro nomes da poesia e da prosa (e de outras linguagens): Monteiro Lobato, Manuel de Barros, Joaquim Ferreira dos Santos, Cora Rónai, Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade, José Paulo Paes, Aluísio de Azevedo, Cora Coralina, João Ubaldo Ribeiro, Luís Fernando Veríssimo, Ariano Suassuna, Zuenir Ventura, Adriana Falcão, Jorge Amado, Rubem Braga, Maurício de Souza, Caetano Veloso, Zeca Baleiro, Aldir Blanc, Raimundo Santa Helena... Alguns já são utilizados, outros se revelam bem-vindas novidades.

Escolhem-se os textos pelos temas e objetivos e não pelos nomes dos autores. Não serve, por exemplo, qualquer texto de Guimarães Rosa. A notoriedade e a consagração não garantem a receptividade.

Deve-se insistir em poesia; para os alunos, é “outro tipo de literatura”. Apesar de a apreciarem, não a “entendem” bem, estabelecendo contatos superficiais com ela. A narrativa, ou o “discurso em linha reta”, no dizer deles, prende mais, os entretém, envolvendo-os pelo entendimento imediato. A especificidade da poesia exige muito do leitor, entretanto, a atenção à palavra implica uma série de procedimentos mentais que asseguram a percepção e a interlocução com o texto, pelo prazer estético proporcionado, mesmo sem a total compreensão do conteúdo. Manuel de Barros ilustra com precisão e sensibilidade: “minhocas arejam a terra; poetas a linguagem”. O professor, então, precisa oferecer variadas oportunidades de desfrutá-la, incentivando sua leitura também em voz alta.

Incluo na parte da Leitura o chamado “estudo e interpretação de textos” que, aliás, não se limita a descobrir a mensagem, o que o autor quis dizer, etc. A propósito, há uma frase atribuída a Ernest Hemingway: “Se eu quisesse transmitir mensagens, enviaria telegramas”. Os alunos se posicionam, falando sobre história, personagens, linguagem, lembranças evocadas. Sobre o efeito (ou não) daquela leitura. O professor participa como elemento de ligação, costurando, articulando, incentivando, discretamente interferindo, para enriquecimento no que tange ao texto em sua materialização ou em inferências.

O Santo Inácio funciona com dois tempos seguidos, de 80 minutos no total; é o limite de qualquer atividade. Às vezes, assistimos a aulas que se baseiam em textos ótimos, mas longos, o que pode levar à dispersão. Creio que o texto deve caber, se tanto, em uma lauda, em diferentes linguagens, com complexidade de conteúdo e forma compatíveis com o objetivo da atividade. A produtividade diminui ou se extingue quando se interrompe o estudo para continuar em outra hora. O entusiasmo e a atenção não se mantêm. A maioria não retoma o fio; se faltam, não terminam a atividade. Evidentemente, há várias etapas no estudo do texto. O planejamento elaborado deve considerar princípio, meio e fim para cada uma delas.

A leitura integral (romance) de uma obra na EJA demanda dificuldades imensas, além de que a maioria dos alunos lê muito devagar. Os sorteios de livros e os empréstimos na biblioteca ainda são alternativas modestas. Na verdade, o texto é a grande referência de

leitura, razão pela qual a sua abordagem requer todos os cuidados para o aproveitamento total no que tange ao conteúdo e à forma.

As atividades com o texto que presenciamos ou que conduzimos evidenciaram um amplo campo de possibilidades. Às planejadas somam-se às que as respostas dos alunos deflagram. Há um papel crucial mediado pelo professor: o de promover debates e discussões. A escolha criteriosa e perspicaz do texto assume papel fundamental, levando ao prazer e ao conhecimento (de si, do outro e do mundo).

Quando os alunos externam suas ideias e as defendem, a forma como se expressam se aperfeiçoa, se burila, em situação de exposição pública, deixando-os mais seguros e confiantes. A maioria não se expressa fluente e corretamente. Cabe ao professor incentivá-los e proporcionar com frequência momentos para que tais comportamentos sociais se multipliquem, com resultados animadores para a linguagem oral. Realizamos uma atividade, com o texto *Sexa* (2001), de Luís Fernando Veríssimo, que motivou um debate instigante sobre a língua (e suas contradições) com muita participação dos alunos. Depois, houve sistematização (in)formal sobre o gênero em português.

Apesar de considerar o trabalho oral com o texto mais estimulante e com resultados mais imediatos, deve-se reservar espaço para perguntas escritas, mas respeitando-se o ritmo lento da maioria, sem exagero na quantidade de formulações. Talvez duas ou três perguntas objetivas com respostas previsíveis e outras tantas, de cunho crítico, mas subjetivas, com avaliações possíveis na própria aula.

Acreditamos que haja lugar para breves palavras (e nunca alentados trabalhos de pesquisa) sobre o autor, a vida e a obra. É um momento de inserção cultural. Surpreendemo-nos como já ouviram falar ou viram na televisão. Essa preocupação compõe um quadro de época, do momento em que vivem.

No caso da literatura, a linguagem é língua oral ou escrita que ultrapassa padrões tanto na materialidade significativa quanto na instauração de sentidos. As atividades com textos literários inserem os alunos na esfera social letrada da literatura (mesmo os fragmentos de textos), representando o conhecimento de novos modos de compreender a realidade, de organizá-la, abrindo-lhe as portas para conteúdos de um novo campo de saber.

As sinopses (de livros ou de pequenos textos), por exemplo, pela complexidade textual que apresentam, obrigam os alunos a um distanciamento para pensá-los como objetos diferenciados, passíveis de reflexão.

Na (quase) impossibilidade do aluno da EJA frequentar espaços mediadores de leitura: lançamentos, exposições, palestras, debates, depoimentos de autores, seções especializadas em revistas, dentre outros, o professor procura suprir essa contingência. Com estratégias criativas que lhe possibilitem vislumbrar e apropriar-se dos diferentes gêneros discursivos que a leitura proporciona, deve criar condições para que o aluno dialogue com novos textos (um filme), posicionando-se crítica e criativamente diante deles, por meio de um processo hermenêutico que envolve compreensão, interpretação e aplicação. Como observa Leonor Fávero (1999, 58), “comentar é falar com comprometimento”, afetando diretamente o interlocutor, exigindo uma resposta que, por sua vez, será outro texto, com marcas próprias. No Santo Inácio há projeção de filmes brasileiros com atividades decorrentes. Em todas as salas de aulas há aparelhos de TV.

Na menção a textos de linguagens diversas em prosa e poesia, além do livro, incluímos jornal, revista, cordel, música, propaganda, quadrinhos, para citar algumas. O hipertexto propicia novos olhares sobre a leitura dos livros. É inegável o seu papel na diversidade de ofertas da produção cultural de nossos dias. No Santo Inácio, os alunos da EJA têm, à disposição, um laboratório de Informática e um professor para atendê-los. Há acesso aos computadores, facilitado por aqueles que o utilizam na sua atividade profissional. Não só

repertórios se ampliam como também modos de apropriação do mundo da escrita, para os quais a capacidade seletiva torna-se mais apurada para a formação de leitores.

A diversidade cultural se mostrará em sua plenitude ao aluno se lhe oferecerem oportunidades de entrar em contato com a multiplicidade de expressão que constitui a experiência humana. Para os alunos da EJA, muitas dessas linguagens são próximas (como o cordel), o que não pode diminuir o espaço da literatura.

5 – A Leitura e a Literatura

O texto literário veicula um tipo de conhecimento particular que não se assemelha ao saber produzido pela ciência. Ao mesmo tempo, representação e análise, a literatura possibilita o resgate da realidade. Tal modalidade de texto, por sua natureza, também propicia a crítica e a contradição através de uma linguagem não linear, distinta da linguagem comum. O autor aproveita o seu conhecimento de mundo, recria essa experiência através dos recursos de seu imaginário e a expressa por meio da linguagem esteticamente trabalhada. Uma vez que esse texto relaciona-se com a realidade e a experiência humana, desempenha uma função significativa no aspecto comunicativo, pois auxilia o sujeito a emancipar-se do processo de massificação e aperfeiçoar seu juízo crítico. A realidade retratada pela literatura muitas vezes é a do aluno da EJA, quase sempre nordestino, que a vivenciou plenamente. Reconhece-se nela, mas vai perceber outros modos de retratá-la. A linguagem literária, devido à sua especificidade, permite uma enorme gama de leituras, remetendo a uma série de significados que precisam ser percebidos pelo leitor, exigindo dele esforço para a construção do sentido. Tal esforço, se repetido e enfatizado com frequência, desenvolve a competência de leitura, tornando o aluno proficiente num aspecto muito significativo para sua vida, pois a leitura se vincula à educação permanente e não se configura alheia às suas experiências.

A literatura também serve de instrumento de reflexão: questiona o discurso oficial e o consenso estabelecido pela ideologia dominante. Essa potencialidade, no entanto, somente se atualizará se o sujeito desenvolver e conservar aquelas habilidades e competências que o tornam um leitor crítico tanto do texto como da realidade.

A literatura é tanto prática social como modalidade de conhecimento. Prática social quando se apresenta como atividade humana com o objetivo de transformar a realidade por meio da relação entre o homem e o mundo. Mais uma vez o aluno da EJA se beneficia dela quando chamado a confrontá-la com o contexto de sua origem.

A literatura é influenciada pelos acontecimentos, pelo modo de pensar e de agir, pelos princípios filosóficos e epistemológicos que orientam as sociedades. Como modalidade de conhecimento, a literatura permite a reflexão sobre os diferentes problemas que os seres humanos vivenciam, amadurecendo o indivíduo e o habilitando a enfrentar os desafios quotidianos, muitos inteiramente novos em relação à sua vida pregressa.

Como disciplina humanística, auxilia na construção de uma identidade coerente. Como prática discursiva, realiza a mediação para a autoconsciência, acessando à integração dos aspectos psicológicos. Os processos discursivos, ao possibilitarem a constituição da subjetividade, reforçam a literatura como um elemento fundamental para a construção do ser social.

Como fenômeno social, a literatura necessita da mediação de um professor com sensibilidade para se antenar e captar os acontecimentos e os problemas da sociedade. Para que desperte a atenção do aluno, precisa se vincular à vida, pois, literatura é, efetivamente, vida. Dessa maneira, o professor, além de informar sobre a sua disciplina, estabelece relações que possibilitem a leitura e a compreensão do mundo pelo viés da literatura, da arte, da palavra.

Pela literatura, a partir da leitura do texto literário, o leitor organiza melhor o conhecimento de si próprio e do mundo em que vive. Toma-se imprescindível proceder-se, em sala de aula, à leitura do texto literário, a fim de que o aluno perceba a importância que tal modalidade textual detém como elemento deflagrador das diferentes abordagens realizadas nos diversos campos do conhecimento. Para que essa leitura atinja seu objetivo, é necessário uma metodologia que instaure uma pedagogia da leitura para diminuir a distância entre o aluno-leitor e os objetivos do professor de literatura. É fundamental que o professor de português se ocupe em dialogar intensamente com a *literatura brasileira*, o diálogo histórico em língua escrita entre a tradição da língua portuguesa e a língua em que construímos nossa cultura, que já construíra essa língua herdada e que modificamos porque a regra da língua é a mudança, com as peculiaridades brasileiras.

Conhecer o que e como se escreve a literatura brasileira é o trabalho específico da aula de português. Literatura brasileira é todo texto que produz conhecimento a respeito de nossa realidade social mais próxima e de nossa realidade interior, ao contrário do que sempre nos impôs o discurso dominante. É todo texto que discute a língua em que produzimos tal conhecimento.

Em vez de enfatizar a tradicional atitude de reverenciar o artista como um iluminado, afunçado professoré orientar e motivar a leitura de poetas, romancistas, contistas, cronistas, ensaístas, jornalistas para desvelar à leitura do aluno o sentido e o valor dos recursos expressivos de que se utilizam para mostrar o trabalho que elaboram. Essa visão histórica da construção da língua escrita como um trabalho de todos os que ampliaram sua capacidade de expressão coloca tais recursos à disposição dos alunos e os insere em igualdade de condições com os escritores. São modelos de que se apropriam para, mais tarde, desenvolverem estilo e caminho próprios.

O programa pedagógico tradicional de língua portuguesa se pauta em conteúdos fragmentados, com a presença de textos que servem de pretexto para estudo gramatical, esvaziando sua leitura estética. É comum as aulas em que o/a professor/a usa um poema ou um fragmento em prosa para leitura silenciosa, seguida de leitura oral, perguntando de modo aleatório ou inconsistente a opinião dos alunos, para depois lhes pedir que destaquem os substantivos, adjetivos ou qualquer fato do texto, ou que analisem sintaticamente um período. Texto, leitura e interpretação são meras preliminares do principal: a informação gramatical. Não se volta ao texto para aplicar a abordagem gramatical à interpretação literária, à expressividade instaurada pela elaboração linguística.

A proposta que parece oferecer espaço para reflexão crítica e discussão da língua e da literatura nacionais é o tratamento do texto como campo de pesquisa. Aspectos gramaticais podem e devem ser tratados na medida em que sua análise efetivamente contribua para a melhor compreensão do texto, para desfazer problemas que impedem a leitura plena, que atinge níveis mais profundos do pensamento. Por que não partir da estranheza causada pelos neologismos de Guimarães Rosa, de Mia Couto, de Manoel de Barros, por exemplo, observando os processos de formação, ao mesmo tempo, buscando perceber sentidos e reconstruir os modos de construção e de criação literária?

Lidemos com conteúdos gramaticais (pontuação, morfologia, sintaxe, figuras de linguagem) como recursos interpretativos do texto literário. A diferença se concentra na ênfase a princípios teóricos gramaticais, linguísticos e literários como estratégias de leitura profunda e autônoma, desenvolvendo capacidades de observação, análise e síntese, ao invés de lançarmos mão do texto como pretexto para ‘contextualizar’ o ensino de conteúdos gramaticais, desvinculado do aprofundamento interpretativo. A palavra valorizada esteticamente permite ao aluno conhecê-la na dupla face, inserindo-a nas possibilidades infinitas de uso da língua materna. É essencial que o aluno da EJA perceba suas potencialidades que aperfeiçoarão o seu senso estético. Aproveitando o que traz na bagagem

de sua comunicação oral, de seu modo de falar e de suas experiências linguísticas, agregará a percepção da expressividade deflagrada pelo texto literário. Assim, terá oportunidade de se enriquecer em todas as instâncias com as situações proporcionadas pela literatura, efetivamente se tornando um indivíduo pleno, dotado da capacidade de ler, de refletir e de expressar.

Enfatizamos a importância das competências de leitura, não só da escrita, mas da oral. Nesta, nos valem da inestimável ajuda de Daniel Pennac, em *Como um romance* (1998), no qual reforça o valor da leitura em voz alta, expressiva, com ritmo adequado, destacando frases e palavras, à procura de maior fruição. Os alunos da EJA a valorizam muito, mostrando-se mais atentos e estimulados.

6 – Considerações finais

É preciso os alunos se acostumarem ao texto literário e não se retraírem, sentindo-se despreparados para compreendê-lo, aproveitando a riqueza lúdica e cultural que oferece. Perceber que é um texto que não responde, mas interroga, cuja “pretensa” obscuridade misteriosa desafia a busca de sentido. Despertar para as leituras polissêmicas dos textos de literatura. Entender as múltiplas possibilidades da palavra literária. Sentir a liberdade do pensamento a que pode conduzir a literatura ao tratar de tudo o que diz respeito ao gênero humano: paixão, amor, ódio, justiça, solidariedade, etc. E, depois, aprender a dialogar com outros textos, contemporâneos ou passados, nacionais ou estrangeiros.

A estética da leitura estará devidamente contemplada pela literatura. O professor deve buscar ações (seleção de textos instigantes, rodas de leitura, contação de histórias, etc) que preparem o caminho. Se não for capaz, jamais conseguirá que seu aluno descubra e desenvolva o gosto pelo texto literário.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de & LEAL, Telma Ferreira (orgs). *Desafios na educação de jovens e adultos: construindo práticas de alfabetização*. Belo Horizonte. Autêntica, 2005
- ALVES, Maria do Rosário do Nascimento Ribeiro. *Educação de jovens e adultos*. São Paulo. Parábola, 2008
- ASSIS, Machado de. *Um apólogo*. São Paulo. Difusão Cultural do Livro-DCL, 2003
- BAKHTIN, Mikhail. *The dialogic imagination: four essays*. Austin, Texas. University Austin Press, 1981
- BRASIL/SEMTEC. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental/ensino médio*. Brasília: Mec/Semtec, 1998
- CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte. Autêntica, 2009
- FÁVERO, Leonor Lopes. “Paródia e dialogismo”. In: Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin (orgs). *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*. São Paulo. EDUSP, 1999
- GUEDES, Paulo Coimbra & SOUZA, Jane Mari de. “Não apenas o texto mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de português”. In: Iara Conceição Bitencourt Neves e outros (orgs). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 2ª ed. Porto Alegre. Editora da Universidade (UFRGS). 1998
- HICKS, Dan. *Contextual inquires: a discourse oriented study of classroom learning*. In Hicks, Dan. *Discourse, learning and schooling*. Cambridge. Cambridge University Press, 1996
- NÓVOA, António. “Formação de professores e formação docente”. In: *Os professores e a sua formação*. Lisboa. Dom Quixote, 1995
- OLIVEIRA, Inês Barbosa & PAIVA, Jane. (orgs). *Educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro. DPA Editora, 2004

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro. Rocco. 4ª ed, 1998

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. “A Língua Portuguesa e a leitura: convergências no ensino e na vida” – In: *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o educador* – OLIVEIRA, Ieda de (org) – São Paulo - Difusão Cultural do Livro - DCL, 2011

_____. *O ensino da Língua Portuguesa: a questão do saber (fazer) e do sentir (prazer) numa experiência de vida*. Tese apresentada para concurso público de professor titular de Língua Portuguesa. Instituto de Letras. UERJ, 2002

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Mind in society. The development of higher psychological processes*. Harvard. Harvard University Press, 1978